



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA/2016

LUIZ RENAN COSTA DE SOUZA

O IMAGINÁRIO DE SI E SOBRE A POLÍCIA EM LETRAS DE *RAP*

ABAETETUBA

2019

LUIZ RENAN COSTA DE SOUZA

O IMAGINÁRIO DE SI E SOBRE A POLÍCIA EM LETRAS DE *RAP*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará do Campus Universitário do Baixo Tocantins – Abaetetuba

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvão

ABAETETUBA
2019

LUIZ RENAN COSTA DE SOUZA

O IMAGINÁRIO DE SI E SOBRE A POLÍCIA EM LETRAS DE RAP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará do Campus Universitário do Baixo Tocantins – Abaetetuba
Orientador: Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvão

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvão (UFPA)
Presidente da Banca Examinadora

Prof^ª. Dra. Patrícia Souza Almeida de Macedo (UFPA)
Membro Interno da Banca Examinadora

O IMAGINÁRIO DE SI E SOBRE A POLÍCIA EM LETRAS DE RAP¹

Luiz Renan Costa de Souza (UFPA)

RESUMO: Esta pesquisa com base na teoria da Análise de Discurso de Linha Materialista/Francesa, de Pêcheux, analisou o discurso da cultura do *Hip Hop* a partir de um *corpus* constituído por letras de músicas do *Rap* brasileiro como as dos rappers Mc Cid, Emicida, Djonga, MVBIL. O objetivo é o de percebermos como os Rappers projetam o seu imaginário sobre si e sobre a polícia, considerando que, os rappers selecionados para análise se caracterizam por retratar no seu discurso, materializados em letras de músicas, as condições de existência dos negros e das camadas sociais dentro de contextos suburbanos e periféricos no Brasil, especialmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Para isso, fez-se necessário também, abordar outros conceitos dentro dos edifícios teóricos da Análise do discurso para selecionar três sequências discursivas de três letras do *Rap* contemplando o jogo imaginário de sujeitos de Pêcheux. Assim, concluímos que o rap como gênero de denúncia social retrata um jogo de imaginários de modo dialético e que evidencia injustiças históricas do Estado sobre a população negra.

Palavras-chave: Discurso. Pêcheux. *Hip-hop*. *Rap*. Violência Policial.

ABSTRACT: This research based on the theory of Pêcheux's Materialist / French Discourse Analysis analyzed the discourse of Hip Hop culture from a corpus composed of Brazilian rap lyrics such as rappers Mc Cid, Emicida, Djonga , MVBIL. The goal is to understand how Rappers project their imaginary about themselves and the police, considering that the rappers selected for analysis are characterized by portraying in their discourse, materialized in lyrics, the conditions of existence of blacks and social layers within suburban and peripheral contexts in Brazil, especially in the cities of São Paulo and Rio de Janeiro. For this, it was also necessary to approach other concepts within the theoretical buildings of Discourse Analysis to select three discourses of three letters of Rap contemplating the imaginary game of subjects of Pêcheux. Thus, we conclude that rap as a genre of social denunciation portrays a game of imaginary in a dialectical way and that evidences historical injustices of the state on the black population

Keywords: Speech. Pêcheux. Hip hop. Rap music. Police violence.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciando em Letras — Língua Portuguesa e orientado pelo Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvão.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, examinamos o imaginário de sujeitos sobre si e sobre o aparelho repressor do Estado (a polícia) em letras de músicas do *Rap* produzidas por alguns *rappers* (cantores do *Rap*) da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, tais como: Mc Cid, Djonga, MVBIL. Para tal, mobilizamos os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (daqui em diante **AD**), focalizando, especificamente, as noções de Discurso, de Sujeito, de Formações Imaginárias, de Formações Ideológicas (**FI**), de Ideologia, de Condições de Produção (**CP**) e de Formações Discursivas (**FD**) e conforme as formulações de Pêcheux ([1983]/2006) e as considerações teóricas de Orlandi (1996).

Nossas análises recaem sobre recortes discursivos (ORLANDI, 1984) extraídos dessas letras, os quais constituem sequências discursivas de referência (COURTINE, 2014). No que ao tratamento analítico de tais sequências, adotamos os procedimentos da abordagem triangular proposta por Lagazzi (2005). Convém salientar que a escolha desses materiais para composição de nosso corpus discursivo se justifica pelo fato de as letras de Rap retratarem frequentemente as condições de existência de pessoas pobres, de etnia afrodescendente, de origem periférica e que está exposta a toda sorte de violência por parte do aparelho repressor do Estado (a polícia). Desse modo, julgamos ser produtivo, do ponto de vista discursivo, analisar o jogo das projeções imaginárias estabelecido na relação conflituosa entre o sujeito discursivo e o outro (a política, o Estado).

Dito de outra maneira, o Rap pode revelar como o sujeito discursivo produz o imaginário de si e da polícia num jogo de tensões que se processa entre a periferia e o Estado. Estamos compreendendo o imaginário como aquilo que determina o gesto de interpretação do sujeito sobre si, sobre o outro e sobre objeto de que fala, considerando-se o fato teórico de que o real não é acessível em seu todo, mas não deixa de produzir significados. Este real, apesar de não se deixar apreender em seu todo, não escapa à simbolização, o que se processa pela materialidade discursiva, configurando-se como objeto do discurso, podendo ser referenciado e conseqüentemente tornar-se gerador de efeitos de sentidos.

2 ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA

Os estudos discursivos de orientação peuchetiana compreendem a noção de discurso como “efeito de sentido” entre sujeitos A e B (PÊCHEUX, 1993, p. 82). Nesse sentido, a tarefa de todo analista é estabelecer gestos de leitura sobre o enunciado, visando

compreender como o mesmo faz sentido. Isto implica considerar as relações que a linguagem estabelece com as condições de produção (o contexto imediato e o contexto sócio-histórico-ideológico). Por isso, o que interessa ao analista não é a identificação de um sentido que estaria subjacente ao texto, mas sim o funcionamento do discurso.

Além disso, em AD materialista, adota-se uma concepção não subjetiva da subjetividade, considerando a percepção de Pêcheux (1969, 1993) quando afirma que o sujeito discursivo é interpelado ideologicamente por ser dotado de inconsciente e atravessado pelo Outro². Desse modo, não se trata de pensar um sujeito empírico dono de suas vontades e origem absoluto dos sentidos, mas sim da constituição de um *efeito-sujeito*, isto é, de um processo de assujeitamento que agarra o indivíduo e o constitui como sujeito de seu discurso. Logo, este efeito se estabelece na relação entre duas instâncias específicas, a ideologia e o inconsciente. Afetado por elas, o sujeito discursivo sofre uma série de determinações que conduzirão os sentidos por um determinado caminho, excluindo-se (mas não apagando) outros.

A noção de ideologia trabalhada por Pêcheux (1997, p. 190) com base nos estudos althusserianos, é entendida como a instância que opera na produção do efeito ideológico elementar, isto é, na transformação de indivíduos concretos em sujeitos concretos forjados na/pela ilusão de que os sentidos daquilo que dizem são evidentes. Ao mesmo tempo em que a ideologia opera na produção dessa ilusão, ela apaga os vestígios de seu trabalho.

Diante do exposto, Pêcheux (*apud* Orlandi, 1999) designa dois tipos de esquecimento que afetam o sujeito em sua constituição: o esquecimento número 2 e o esquecimento número 1. O primeiro diz respeito à ilusão que o sujeito tem de que a formulação de seu enunciado só poderia se dar daquela forma, isto é, o sujeito esquece que há outras maneiras de formular o seu dizer. O segundo (de ordem da enunciação) é o que dá ao sujeito a ilusão de ser a origem do sentido, o que não é verdade, uma vez que o discurso se constitui na sua relação com outros discursos que foram produzidos antes dele. Por esta razão, os discursos fazem sentido.

Portanto, a ideologia é a unidade de significação do discurso e gerador de efeitos de sentido. Por conseguinte, a ideologia materializa o imaginário sobre o real, uma vez que, como sujeitos, não conseguimos acessar o real em sua totalidade, porém, a ideologia age como uma mediação entre o imaginário e o real.

Não podemos falar de sujeito e ideologia sem também esboçarmos concepção de memória conforme Pêcheux (1983, 1999), que funciona como uma instância do conjunto de

² FERNANDES, Cleudemar A. Análise do discurso: reflexões introdutórias. 2 ed. São carlos: Claraluz, 2007.

dizeres enunciados alhures e esquecidos, mas que são acionados toda vez que um enunciador toma a palavra. Ademais, é importante ratificar que a memória discursiva é acessada pelo sujeito, porém ela é social e histórica. Em outras palavras, quando o sujeito diz, ele se inscreve em uma Formação Discursiva cujos saberes advêm de uma memória social e histórica.

Em adição, a FD segundo Pêcheux (*apud* FERNANDES, 2008), é entendida como sendo um recorte da formação ideológica. Pêcheux (1975, 1988) entende a FD como o meio discursivo por qual o sujeito se inscreve em uma formação ideológica. Nesse sentido, a FD determina o que poderá ou não ser dito por este sujeito que se constitui ideologicamente, uma vez que, a FD é a projeção, na linguagem, das formações ideológicas.

Decorrente disso, entende-se a língua como sendo opaca, ou melhor, os significados das palavras não estão acoplados nelas. Dessa forma, não podemos deixar de falar da importância do contexto ideológico para as produções discursivas, Pêcheux (*apud* Orlandi 1999, p.30) chamará essa relação entre sujeito e produção de discurso e efeito de sentido de Condições de produção: podemos simplesmente entender as condições de produção como o contexto histórico e ideológico que norteia o sujeito. Portanto, são as características que determinadas parcelas da sociedade possuem, e que servirá de base para a sua produção discursiva.

3 RAP: UM LUGAR DE DENÚNCIA SOCIAL

O *Rap*, assim como o *Breakdance* e o Grafite, faz parte da cultura do Hip Hop, que surgiu na década de 1970 nos subúrbios negros e latinos na cidade de Nova York. O Rap é um gênero musical que significa “*Rythm And Poetry*” (Ritmo E Poesia). Ele é uma forma de fazer poesia cantada, normalmente abordando temas referentes às circunstâncias do cotidiano dos indivíduos desses subúrbios. Ainda convém lembrar que o Rap surgiu em contextos complexos eivados de problemas de ordem social: pobreza, violência, racismo, tráfico de drogas, carência de infraestrutura e de educação. Assim, muitas gangues viram nos espaços proporcionados pelo Hip Hop uma forma de substituir a violência que assola os seus cotidianos pela arte de rua que protesta e dá voz aos menos favorecidos.

No Brasil, não foi diferente. Esta manifestação artística começou no final dos anos 1980, e também se popularizou dentro dos contextos periféricos e suburbanos nas grandes cidades. Posto isso, os artistas do *Rap* estão inseridos em um contexto de ampla desigualdade social, em que há os maiores índices de criminalidade. Desta forma, o estado brasileiro desde

sempre respondeu a esse problema não com ações de inclusão, de diminuição das desigualdades, mas sim com a repressão, o que caracteriza a questão da necropolítica (termo designado para as distribuições desiguais de mortes por conta do Estado), visto que, em sua grande maioria atinge pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo. Nesse contexto, as letras de rap se constituem como ferramenta de denúncia social.

Como já especificamos anteriormente, as letras de Rap analisadas tematizam o cotidiano do preto pobre que mora na periferia de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Vale ressaltar que nessas cidades são registrados números alarmantes de mortes decorrentes da violência policial. Por Exemplo, de 2001 até 2009 as duas cidades juntas somaram mais de 11.000 mortes causadas por intervenções policiais³, sendo que, quase a totalidade das pessoas mortas por policiais são homens (99,3%) e a maioria é negra (75,4%). As vítimas também são, em geral, jovens de 15 a 29 anos (54,8%), e a faixa etária que concentra mais vítimas (33,6%) é de 20 e 24 anos 33,6%. E, com relação à escolaridade, 81,5% das vítimas só chegaram até o Ensino Fundamental, 16,2% foram até Ensino Médio, e 2,3% ao Ensino Superior⁴.

Considerando o desenho das condições de produção na quais emergem as letras aqui examinadas, pode-se supor diferenças entre as projeções imaginárias do preto pobre favelado e do branco de classe média morador de condomínios, particularmente sobre a polícia e suas ações cotidianas. Isto porque as condições de existência dos sujeitos não são diretamente acessíveis a eles, porém as particularidades dessas condições são capturadas pelo imaginário e materializadas na/pela linguagem. Em vista disso, a língua se constitui na sua relação com o contexto sócio-histórico ideológico. Segundo Orlandi (1999, p.39) as condições de produção do discurso determinam o dizer do falante, são representadas no discurso por uma imagem que se tem do lugar e dos indivíduos envolvidos no discurso. Logo, esse ponto de vista não parte de uma realidade física, mas de um objeto imaginário que é construído através do olhar do sujeito, este determinado pelas FI.

³ <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/como-se-forma-uma-policia-racista/>

⁴ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/racismo-institucional-leva-policia-do-brasil-e-dos-eua-a-matar-mais-negros-e-pobres/>

4 FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

Fernandes (2008, p. 41), baseada nas considerações de Pêcheux & Gadet (1969, 1993) nos diz sobre a condição lacunar da língua, na medida em que esta “não contempla todas as possibilidades do dizer ao mesmo tempo, sempre há algo que deve ficar de fora, o não dito, o indizível, o silenciado”. Dessa forma, quando o indivíduo efetua uma seleção das possibilidades de dizer disponíveis no eixo paradigmático da língua, ele o faz compelido por uma determinação ideológica cujo efeito, além de direcionar o caminho dos sentidos, é o da elisão de outras possíveis maneiras de dizer. Esse, digamos, gesto de seleção trabalha no/sob o real materializando na/pela língua/linguagem a relação imaginária do sujeito com suas reais condições de existência.

O sujeito precisa atribuir sentido às coisas a saber no mundo, e a materialização desse imaginário se dá no/pelo discurso. Dito de outra maneira, a relação entre o real e o sujeito é mediada pelo imaginário, e é nessa relação que a ideologia atua, dando sentido aos objetos do mundo. Nesse sentido, os dizeres dos sujeitos são determinados pela FD. Esta, por sua vez, materializa uma ou mais FI que representam a relação imaginária do sujeito com suas reais condições de existência. Segundo Pêcheux (*apud* Orlandi, 1996), o imaginário produz imagens dos sujeitos (locutor e interlocutor) e dos objetos, dentro de um contexto ideológico.

Faremos uso do quadro a seguir para ilustrar essas imagens que o imaginário produz nos sujeitos:

Quadro 01 — Formações Imaginárias

Expressão que designa as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
IA (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	Quem sou eu para lhe falar assim?
IA (B)	Imagem de B para o sujeito colocado em A	Quem é ele para que eu lhe fale assim?
IB (B)	Imagem de B para o sujeito colocado em B	Quem sou eu para que ele me fale assim?
IB (A)	Imagem de A para o sujeito colocado em B	Quem é ele para que me fale assim?
IA (IB(A))	Imagem do “ponto de vista” de A sobre R para o sujeito colocado em B	Quem é R para ele para que me fale dele assim?

Fonte: retirado de Fernandes (2008)

Com base nesse quadro proposto por Pêcheux (1969, 1993), as formações imaginárias têm profunda relação com as escolhas dos termos que o sujeito usa para a produção do discurso. Pelo que se vê no quadro acima, cada interlocutor, num contexto de uma enunciação concreta, projeta sobre si, sobre o outro e sobre o objeto da interlocução uma imagem. Esse jogo é tão complexo que, por meio do movimento da antecipação, o enunciador pode se colocar, imaginariamente, na posição de seu interlocutor e, imaginariamente, antecipar-se ao que este pensa sobre o objeto da interlocução e, assim, conduzir a orientação argumentativa do texto. Todavia, como a ideologia trabalha desde o inconsciente, a antecipação, apesar de ser um movimento pré-consciente, não se deixa escapar dos efeitos do trabalho ideológico.

Considerando nossos objetivos e o que se mostra produtivo neste trabalho, decidimos focar nos movimentos representados pelas configurações: IA(A), IA(B) e IA(IB(A)). Ou seja, vamos examinar que imagem é essa que o sujeito discursivo (A) nas letras do *Rap* produz sobre si e sobre o outro (B) e que imagem é essa que A faz da imagem que B faz de A.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Os recortes que apresentamos a seguir materializam o jogo das formações imaginárias do sujeito discursivo nas letras de Rap. Nosso gesto analítico visa não só expor ao olhar leitor o trabalho desse jogo, como também o movimento de inscrição do sujeito discursivo em uma formação discursiva X. Vejamos a primeira Sequência Discursiva (Daqui em diante SD):

(SD1)- Trecho da letra de Esquimo, lançada em 2017 e composta pelo artista e cantor Djonga.

Hoje no jogo bandido e polícia
Compare, o morro tem sua própria polícia
Bom ou menos mal, assim, afinal
É, pretos precisam se defender
No final, não temos de quem depender
Por sinal, só temos quem vai nos prender⁵

⁵ <https://www.lettras.mus.br/djonga/esquimo/>

A letra de Esquimo deixa entrever um cotidiano de conflitos e tensões em que a injustiça social se faz muito presente. Especificamente nesta SD, há referência a um jogo entre bandido e polícia que aponta justamente para a existência de dois polos de uma interlocução em confronto. Interessa-nos compreender o movimento de identificação do sujeito discursivo a uma posição de sujeito resultante das projeções imaginárias operadas no/pelo discurso. O uso do item lexical “pretos” indicia um processo de identificação do sujeito discursivo com uma imagem específica: o ser preto na sociedade brasileira aponta para algo que vai além da cor da pele. Trata-se de um ser social que não goza dos mesmos privilégios de uma pessoa de pele branca. Que é constantemente alvo de discriminação, de preconceitos e de violência. Está historicamente à margem do processo de escolarização, do acesso a lugares de poder e do acesso a postos de trabalho mais privilegiados. O preto, no corpo social, tem sua imagem constantemente associada à do bandido à espreita para cometer um delito. O preto não pode correr nas ruas, não pode abrir a bolsa em uma loja, não pode usar tatuagem e certas indumentárias, pois estas combinadas a cor de sua pele a expõem ao olhar alheio como ameaça.

Esta é a projeção imaginária que nos diz sobre como o sujeito discursivo se vê no mundo e na relação com seu outro. Gozando de nenhum privilégio, associado à imagem do bandido e vítima de uma polícia violadora de direitos, ele discursiviza suas ações como legítima defesa. A polícia do preto defende da polícia do branco que, vai à periferia/ sobe no morro apenas para “prender” e não “defender”. Entendemos que a construção dessa imagem de si projetada no discursivo pelo sujeito resulta da inscrição desse último a uma FD. Com base nisso, perguntamo-nos como se caracterizaria esta FD em termos de seus saberes, ou daquilo que pode/não pode ser dito nas condições de produção que determinam a produção discursiva. Pensamos que esta FD X reúne saberes segundo os quais o negro periférico é vulnerável não só pela sua condição social de excluído, como também é vítima de violência e violação de direitos por parte do aparato repressor do Estado (a polícia).

O Brasil ainda não pode ser considerado uma democracia racial, uma vez que o racismo estrutural ainda permeia as realidades enfrentadas no país. Por isso, existem muitas relações de hierarquia social, como se algumas etnias fossem culturalmente mais aceitas em relação as outras, e desta forma é perceptível como negros, pobres e favelados ficam de fora dos planos de desenvolvimento do Estado, restando apenas a marginalização, e, por conseguinte, a repressão.

Destarte, interessa-nos analisar como este sujeito projeta o seu imaginário sobre o Estado/Polícia. Conforme vemos na SD2 a seguir:

(SD2)- Trecho da letra música Rap News, lançada em 2017 e composta pelo artista e cantor MC CID.

E eu ouvi o boato de que o senhor delegado

Encobriu o rastro de mais um policial safado

Que matou mais um preto dentro de sua favela

Sem ver um documento ou perguntar se tava errado

Supôs que tava armado.⁶

Vemos nessa SD como o sujeito qualifica o sintagma nominal “a polícia” por meio do adjunto adnominal “safado”. Perguntamo-nos sobre o efeito de sentido que esta designação produz, considerando as determinações impostas pela FD X na qual o sujeito discursivo se inscreve. Comprendemos que a mobilização desse termo axiológico projeta na interlocução discursiva o imaginário de A sobre B, imaginário este segundo o qual o policial é aquele agente do Estado que pratica toda sorte de corrupção. Consideramos aqui os sentidos de corrupção como os que dizem respeito não só ao recebimento de propina por parte dos traficantes, como também os que se referem aos casos de assassinatos cometidos por razões torpes (suposições baseadas em questões estereotípicas como cor de pele, vestimenta), mas que são reportados oficialmente como resultando de confrontos armados com o bandido da favela.

Não são poucos os casos divulgados pela mídia em que a cena do crime cometido por um policial é maquiada com a inserção de uma arma de fogo ou drogas junto ao corpo da vítima. Entende-se, portanto, a partir dessa projeção imaginária, que a polícia não cumpre seu papel de promover a segurança e a ordem na favela, mas sim atua como máquina genocida a serviço de um Estado que legitima a matança do pobre e é encoberta por todas as instâncias que deveriam regular sua ação.

Em nosso corpus discursivo, identificamos outro movimento no jogo das projeções imaginárias que tem a ver com a configuração IA (IB(A)), ou, a imagem que A faz da imagem que B faz de A. Vejamos a seguinte SD:

(SD3)- Trecho da música Traficando informação, lançada no ano 2000, pelo *rapper* MVBILL.

⁶ <https://www.lettras.mus.br/mc-sid/rap-news/>

E quando a polícia chega todo mundo fica com medo

A descrição do marginal é favelado, pobre, preto!

Na favela, corte de negão é careca

É confundido com traficante, ladrão de bicicleta⁷

Nesta SD, a projeção imaginária do sujeito discursivo sobre a imagem que dele faz B, se mostra no verso “A descrição do marginal é favelado, pobre, preto”. Compreendemos, nesse gesto, o estabelecimento de uma relação sinonímica entre marginal, preto e favelado, isto é, tais itens lexicais recobrem o mesmo referente no mundo. Essa imagem é reveladora do modo como, nas letras do Rap, a polícia é denunciada por operar segundo pressuposições estereotipadas e assassinar o negro ou julgar que o movimento de seus corpos ou aquilo que portam produz uma ameaça. Na correlação de forças entre pretos e polícia, isto se materializa na forma de assassinatos como o caso de Rodrigo Serrano, jovem negro de 26, morador do Morro Chapéu Mangueira no Rio de Janeiro que foi baleado por PMs da UPP, que, segundo nota oficial da PM portava um guarda-chuva e este foi “confundido” com um fuzil⁸. Diríamos que o gesto que produziu o assassinato do rapaz é produto desse imaginário segundo o qual marginal, preto e favelado são a mesma coisa.

Outra questão que nos chama atenção nesta SD diz respeito ao emprego do complemento verbal “medo” para caracterizar o sentimento experimentado pelo negro diante da chegada dos policiais. A chegada de uma viatura ou anúncio de uma operação policial representa desconfiança e temor, uma vez que, ainda na direção do que já foi pontuado anteriormente, o negro, para a polícia, representa uma ameaça em potência. Este não pode andar na rua com um guarda-chuva, uma furadeira, ou qualquer objeto que se assemelhe a uma arma, que já corre o risco de ser alvejado pela polícia por ser confundido com um bandido armado. Dessa forma cuidados devem ser tomados e o medo se faz muito presente. Em suma, segundo a projeção imaginária de A sobre o “ponto de vista de” de B sobre A, é como se o uso da força excessiva policial se justificasse pelo fato de o oprimido ser negro ou estar em um contexto periférico, como se essas condições os associa-se instantaneamente como um inimigo da sociedade, e alguém propenso ao crime, ou que por si só já oferecesse ameaça à segurança, e a partir disso, seria necessária a repressão contra esta parcela bem específica das conjunturas sociais.

⁷ <https://www.letras.mus.br/mv-bill/80315/>

⁸ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/18/mp-apura-acao-de-pms-na-morte-de-garcom-baleado-no-chapeu-mangueira.ghtml> Acesso em 18/12/2019

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos o jogo das projeções imaginárias estabelecido entre os polos A e B da interlocução discursiva, compreendemos como o Rap materializa um discurso segundo o qual a polícia é a maquina de moer o preto, pobre e favelado. Esse gênero musical se constitui como ferramenta de denuncia social, em que o sujeito discursivo, ao assumir a função de autoria da denúncia, inscreve-se em uma FD X que conduz os sentidos para construção do imaginário de polícia genocida.

Portanto, fica claro que o sujeito produz o seu imaginário sobre si de forma a entender que não está em pleno gozo dos seus direitos básicos como cidadão, entre eles o de ir e vir. Pois, graças a uma polícia racista e genocida, o negro e o pobre sentem-se constantemente ameaçados e coagidos, em razão da forma de atuação tirana e opressora que a polícia adota nas suas abordagens para com estes indivíduos.

Além disso, outras pesquisas poderão ser desenvolvidas, porém sob outros prismas. No decorrer das nossas análises nos deparamos com títulos de matérias jornalísticas que nos chamaram bastante atenção e que podem ser investigadas. Por exemplo, o imaginário da mídia sobre jovens negros e periféricos. Pode ser interessante para efeitos de análise entender como o imaginário da mídia contribui para a construção de estereótipos racistas e eliminatórios na sociedade através das suas matérias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIM, H. S. *Roc the Mic Right: The Language of Hip Hop Culture*. New York: Routledge, 2006.

CARDOSO, Francilene; RACISMO E NECROPOLÍTICA: a lógica do genocídio de negros e negras no Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas: MESAS TEMÁTICAS CORDENADAS MULHERES, RAÇA E CLASSES**. Maio, 2018.

FELITTE, Almir Valente; PONZILACQUA, Marcio Henrique Pereira. O impacto social da organização militar da polícia. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**. vol. 132. Ano 25. p. 193-217. São Paulo: Ed. RT, jun. 2017.

FERNANDES, Carolina. **O imaginário de Veja sobre “os Lulas presidenciaíveis”**. Porto Alegre, 2008.

FERNANDES, Cleudemar. **A Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2 ed. São carlos: Claraluz, 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: Principios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**. In; ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs). Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.